LEGITIMAÇÃO DA VIOLÊNCIA E FUNDAMENTAÇÃO DA EXCLUSÃO ATRAVÉS DO DISCURSO RELIGIOSO

José Geraldo Rocha[(*)]
Cleonice Puggian

RESUMO

O presente trabalho é resultado da pesquisa sobre intolerância religiosa nos terreiros na Baixada Fluminense. A violência dos processos deintolerância religiosa está relacionadaa uma elaboração sistemática dediscursoslegitimadores de comportamentos nos diferentes espaços sociais, afetando as múltiplas dimensõesda vida humana. Nessa perspectiva, a diversidade, as identidades, o respeito são solapados e com eles a dignidade humana torna-se ameaçada e confrontada na cotidianidade da contemporaneidade. Inevitavelmente, tais práticas e discursos corroboram para o incremento dosprocessos de exclusão.Em conformidade com o pensamento de Hans King, não haverá paz no mundo sem uma paz entre as religiões

Palavras-chave: Intolerância; Discurso; Violência; Exclusão; Religião.

THE LEGITIMIZATION OF VIOLENCE AND THE FOUNDATION OF EXCLUSION THROUGH THE RELIGIOUS DISCOURSE

ABSTRACT

The violence of the processes of religious intolerance is related to a systematic production of legitimating discourses of behaviors in different social spaces, affecting multiple dimensions of human life. From this perspective, diversity, identity and respect are undermined, and with them, the human dignity becomes threatened and confronted *with* and *in* everyday life of contemporary society. Inevitably, these practices and discourses support the increase in the processes of exclusion. In line with Hans King's thoughts, there will not be peace in a world without peace among religions.

Keywords: Intolerance; Speech; Violence; Exclusion; Religion.

LA LÉGITIMATION DE LA VIOLENCE ET JUSTIFICATION DE L'EXCLUSION D'APRÈS LE DISCOURS RELIGIEU

RÉSUMÉ

Ce travail est le résultat de la recherche sur l'intolérance religieuse dans les *terreiros* de la *Baixada Fluminese*. La violence des processus de l'intolérance religieuse est liée à la production systématique de discours légitimant le comportement dans les différents espaces sociaux, affectant de multiples dimensions de la vie humaine. Dans cette perspective, la diversité, l'identité, le respect et ils sont sapés la dignité humaine devient menacée et confronté dans la vie quotidienne contemporaine. Inévitablement, de telles pratiques et les discours servent à soutenir l'augmentation dans les processus d'exclusion. En ligne avec la pensée de Hans King, il y aura la paix dans un monde sans paix entre les religions.

Mots-clés: Intolérance; Parole; Violence; Exclusion; Religion.

[(*)]Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1997). Mestrado em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1993), Bacharel em Teologia pela Faculdade Nossa Senhora da Assunção (SP)(1990), atualmente é professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da Universidade do Grande Rio (Unigranrio), atuando nas Linhas de Pesquisa Gênero, Etnia e Identidade; e Educação Linguagem e Cultura. Na Universidade Cândido Mendes é professor no Curso de Pós-Graduação (Lato Sensu)em Africanidades. É editor da Revista *Magistro* (Unigranrio).

A palavra não foi feita para ser utilizada no processo de geração de divisões entre os seres humanos. A invenção da palavra está diretamente associada ao anseio de entendimento entre as pessoas. Assim sendo, o objetivo da mesma é dialogar. No universo religioso, o discurso, resultado da articulação de palavras, imbuído de interesses ideológicos tem se convertido em instrumento que gera, legitima e fundamenta a violência entre as diferentes religiões e consequentemente a dominação cultural e religiosa que marginaliza e exclui indivíduos e comunidades das esferas da convivência humana.

O presente artigo, nasce da pesquisa sobre intolerância religiosa em relação aos praticantes das religiões de terreiros na Baixada Fluminense, estado do Rio de Janeiro. A investigação foi realizada nos anos de 2010 e 2011 e está relacionada às discussões que perpassam alinha de pesquisa Identidade, Gênero e Etnia do Programa de Pós-Graduação em Letras e Ciências Humanas da Unigranrio.

1. A BAIXADA FLUMINENSE

O campo onde nossa pesquisa se desenvolveu foi aBaixada Fluminense[1], uma região composta por vários municípios que formam a Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Estima-se que exista na Baixada Fluminense em torno de cinco mil casas de cultos afro-brasileiros, entendidas aqui como casas de candomblé e umbanda, ainda que tais dados não sejam possíveis a sua comprovação em virtude da não existência de pesquisas com tal recorte. Os dados sobre as religiões de matrizes africanas até então levantados pelo Censo do IBGE (2000) davam conta da existência no Brasil de apenas 0,3% da população como pertencente a esse segmento. Não se pode esquecer que tais cifras estão em um contexto onde os vínculos com tais práticas religiosas passam por um sistema de negação. Afirmar a pertença religiosa de matriz africana é colocar-se numa esfera de não reconhecimento e aceitabilidade social. Os indivíduos não querem ser estigmatizados na hora de responder ao censo. Em contraposição a isso, é perceptível nas vivências cotidianas na região da Baixada Fluminense, em espaços de discussões relacionadas às culturas locais, a grande presença das expressões religiosas de tal natureza. Nesse sentido, é valioso o depoimento de um pesquisador na região:

[1]Baixada Fluminense, termo polissêmico que possui múltiplas definições. Seu recorte altera-se a partir do interesse dos pesquisadores, da escala de observação, da atuação das instituições de pesquisa ou dos objetivos dos órgãos públicos. A expressão pode assumir configuraçõeso geográficas,econômicas, políticas e culturais diferenciadas… atualmente, a denominação designa uma série de municípios, mais próximos ao entorno da Bahia da Guanabara (cf. BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tania Maria Amaro. *De Meriti a Duque de Caxias*: encontro com a história da cidade. DuqueCaxias: APPH-Clio, 2010, p. 19).

> Saí com um endereço de um terreiro para entrevistar uma Yalorixá. Como sempre, os terreiros estão situados nas periferias das periferias. Tomei dois ônibus para conseguir chegar no referido bairro. Ruas de terra, casas simples, não acabadas, muita gente pelas ruas, animais. Fui perguntando para as pessoas onde existia um terreiro de candomblé. Elas iam me indicando. Chegava ao terreiro e perguntava pela Yalorixá, respondiam não é aqui. E assim aconteceram vários terreiros. Quando cheguei ao terreiro que tinha me proposto visitar, havia passado por seis outros terreiros. Isso em um espaço pequeno do ponto de vista geográfico. E não foi apenas em um bairro que algo semelhante aconteceu. (Antonio).

A população da região é marcadamente de afrodescendentes. Do ponto de vista da religiosidade de matriz africana, a região ostenta ser o local para onde veio o Candomblé da Bahia. Assim sendo, a história da expansão do Candomblé no Rio de Janeiro estaria associada à migração dos terreiros para a Baixada Fluminense. As casas e as personalidades mais famosas do universo religioso da matriz africana no Rio de Janeiro estão sediadas na região da Baixada Fluminense. O Ilê Axé Opó Afonjá, com raiz em Salvador desde 1910, se estabeleceu no bairro de Coelho da Rocha em São João de Meriti nos finais dos anos 1930, sob a coordenação Mãe Agripina, filha de Mãe Aninha (Eugênia Ana dos Santos) da matriz em Salvador. Outra casa de grande destaque na Baixada é o terreiro de Joãozinho da Gomeia. Também originário de Salvador, chegou à região e se instalou no bairro de Copacabana – Duque de Caxias no final da década de 1940.

Em Duque de Caxias, encontram-se ainda outras duas casas renomadas. O terreiro de Pai Valdemiro "Baiano" de Xangô – o Ilê Asé Baru Lepé, datado dos anos 1940, e considerado um dos mais importantes do estado do Rio de Janeiro. Atualmente, o local está em processo de tombamento a pedido do Ministro da Cultura Gilberto Gil. Valdemiro foi guru de políticos e artistas famosos no país.

A outra casa a que se refere, é o terreiro de Giselle Cossard Binon mais conhecida como Ominarewa. Sua casa, o IleAxé Atara Magba está localizada no bairro de Santa Cruz e conta com mais de 400 filhos de santo. Ominarewa, atualmente com mais de 80 anos de idade, continua à frente do seu terreiro, zelando pelos orixás e pelas tradições africanas no Brasil.

Também os terreiros de umbanda vão encontrar na Baixada fluminense um espaço de expansão a partir do seu surgimento no Rio de Janeiro por volta do ano 2009[2].

[2] Segundo Reginaldo Prandi, em seu artigo "*Linhagem e Legitimidade no candomblé paulista***",** a umbanda, nascida no Rio de Janeiro do contato do candomblé com o kardecismo, profundamente influenciada pela moralidade cristã já incorporada pelos espíritas, veio, em oposição ao candomblé como religião de populações negras, a se firmar como religião para todos, sem limites de raça, cor, geografia, origem social. Enquanto ocandomblé continuava como expressão de uma sociedade de molde estamental, escravocrata na origem, a umbanda espalhou-se como a religião brasileira para a sociedade de classes, industrializada, urbanizada, de intensa mobilidade geográfica e social. A umbanda, ao se fazer como religião independente, adotou o uso da língua portuguesa, abandonou o sacrifício ritual de

A região é também caracterizada pelo baixo poder aquisitivo da maioria da população. As condições socioeconômicas da população acabaram contribuindo para as pessoas buscarem na esfera da religião as soluções para os seus problemas. Talvez esteja aqui uma das explicações para a instalação e crescimento de inúmeras igrejas de denominações cristãs. Com promessas de curas para todos os males, inclusive a prosperidade financeira, desencadeou-se nessa região uma avalanche religiosa. Em contrapartida, o aumento dos conflitos com os praticantes das religiões de matrizes africanas foram ficando cada vez mais evidenciados. Dentre tantos os "males" a serem combatidos pelo neopentecostalismo, estava a expulsão do "demônio" presente nas práticas dos terreiros. Inicialmente, tratava-se apenas de um "exercício de conversão" pela via da pregação e do convencimento. Com o passar do tempo a pregação passou a ser um ato de desmoralização dos praticantes das religiões de terreiros até chegar à agressões verbais e físicas, além dos ataques e depredações aos espaços de cultos denominados terreiros.

2. PÚBLICO ENTREVISTADO

Ao longo do trabalho de coleta de dados, foram entrevistadas 42 pessoas praticantes das religiões de matrizes africanas. Quando observados pela ótica das relações de gênero, constata-se que 33% dos entrevistados são do gênero masculino e 67% feminino. Nesse caso, mais uma vez se comprova o quanto as mulheres são maioria no zelo pelas realidades religiosas

Gráfico 1: Distribuição dos entrevistados segundo sexo

Dentre nossos entrevistados, verificou-se que 38% se encontram na faixa etária superior a 50 anos. 26% entre 41 e 50 anos; 24% na faixa de 21 a 40 e 12 % com idade inferior a 20 anos. Esses dados revelaram-se importantes na medida em que é possível verificar quea intolerância religiosa caracteriza-se como uma violência que vitima todas as faixas etárias indistintamente.

sangue e a iniciação sacerdotal com reclusão e mortificação, deixou de lado ooráculo do candomblé (especialmente o jogo de búzios) que dá ao chefe do grupo de culto a prerrogativa de decifração do destino e dos males e oportunidades da pessoa; incorporou do kardecismo a noção básica da caridade, que deslocou o eixo do culto para a prática da cura através da intervenção dos espíritos desencarnados ou encantados, no rito do transe, reduzindo a importância dos orixás e minando a estrutura rígida da autoridade centrada na mãe ou paidesanto que caracteriza o candomblé. (Disponível em:<www.anpocs.org.br>).

O gráfico a seguir nos propicia visualizar com maior ênfase o que acabamos de afirmar.

Gráfico 2: Distribuição dos entrevistados segundo idade

Do ponto de vista da localização geográfica, nossa pesquisa levou em consideração a divisão administrativa do município de Duque de Caxias. O objetivo era colhermos informações nos diferentes locais do município. Este se divide em quatro distritos que por sua vez se dividem em bairros, a saber:

Duque de Caxias – primeiro distrito

Centro, Jardim 25 de Agosto, Parque Duque, Periquitos, Vila São Luiz, Gramacho, Sarapuí, Centenário, Doutor Laureano, Olavo Bilac, Bar dos Cavaleiros, Jardim Gramacho, Parque Centenário, Mangueirinha de Caxias e Corte Oito.

Campos Elíseos – segundo distrito

Jardim Primavera, Saracuruna, Vila São José, Parque Fluminense, Campos Elíseos, Pilar, Cangulo, Cidade dos Meninos, Figueira, Chácaras Rio - Petrópolis, Chácara Arcampo, Eldorado.

Imbariê – Terceiro distrito

Santa Lúcia, Santa Cruz da Serra, Imbariê, Parada Angélica, Jardim Anhangá, Santa Cruz, Parada Morabi, Taquara, Parque Paulista, Parque Equitativa, Alto da Serra, Santo Antônio da Serra.

Xerém – quarto distrito

Xerém, Parque Capivari, Mantiqueira, Jardim Olimpo, Lamarão, Amapá.

O quadro a seguir demonstra o percentualdos participantes da pesquisa segundo a sua pertença geográfica dentro do município.

Quadro 3: Distribuição dos entrevistados segundo distrito

Grupo	Número de entrevistados	Percentual de entrevistados
1° DISTRITO	**13**	**31%**
2° DISTRITO	**10**	**24%**
3° DISTRITO	**10**	**24%**
4° DISTRITO	**9**	**21%**
Total	**42**	**100%**

3. DISCURSOS RELIGIOSOSQUE LEGITIMAM A VIOLÊNCIA E FUNDAMENTAM A EXCLUSÃO

Os depoimentos coletados na pesquisa nos permitem compreender em que nível tem chegado o desrespeito aos valores de cunho religiosos relacionados às religiões de matrizes africanas no dia a dia de seus praticantes. É o que Sennett (2004) vai chamar de escassez de respeito.Realçamos que nosso intuito na pesquisa foi verificar como era sentido e vivenciado pelo "povo de terreiro" a discriminação e a intolerância religiosa. Por razão de confidencialidade, todos os nomes dos depoentes serão mantidos em sigilo. Portanto, os nomes que aparecem nos relatos são fictícios.

> Sinto-me severamente ultrajado, porque esse senhor me humilhou, humilhou o meu povo, se desfez dos meus orixás; disse que era religião de preto, que era vodu, que era culto ao demônio, ao satanás. Eu observo que dentro das próprias religiões evangélicas, nos cultos que eles fazem dentro das igrejas os pastores incentivam aos seus fiéis a descriminarem as pessoas de religiões de matrizes africanas, seja ela umbanda ou candomblé; eles incentivam a descriminação e até mesmo a agressão. Eu já presenciei um grupo de jovens evangélicos agredindo uma Yaô, arrebentando os fios de contas, rasgando suas roupas, o pano da costa e o de cabeça, isso foi no centro de Duque de Caxias, próximo ao supermercado Guanabara. Foi um grande tumulto e muita gente foi em defesa dessa senhora e acabamos sem apoio das autoridades competentes, só nós que saímos na defesa e proteção dessa senhora. (Paulo).

Pelo depoimento, é possível notar a indignação da pessoa discriminada. A vivência religiosa é caracterizada como elemento estruturante da existência humana. (ROCHA, 1998). São valores fundantes no sistema de convicções que estão sendo postos em xeque. A palavra tem força destrutiva nesse tipo de discurso religioso, pois atinge a profundidade da alma humana. É um discurso que gera não só a violência simbólica, mas induz às práticas de violência física inclusive. (SANTOS, 2009).

> Disseram que eu não tinha noção do que era vida espiritual que é a evangélica, e que só lá é que Deus existe. (Mariza).

O fanatismo religioso tem levado alguns segmentos confessionais à absolutização da verdade. A verdade é única e está na minha igreja, no meu jeito religioso de ser. Com esse modo de pensar, as demais expressões de fé, religiosidades não podem existir fora da minha igreja. A presença do diferente é incômoda e não deve ser tolerada. A existência de Deus fica condicionada ao seu universo religioso.

Os valores da fé professados pelos diferentes passam a ser tratados com desprezo, desrespeito e ridicularizados.

> Chamaram-me de forma violenta de macumbeiro, dizendo que o sou feiticeiro, bruxo e até me imitando, satirizando nos gestos das danças.(Francisco)

Em determinadas situações, o desrespeito chega à ação de violência física contra os indivíduos dos outros segmentos religiosos e seus bens. A intimidação passa a funcionar como uma artimanha para desencorajar a continuidade da prática religiosa do outro.

> Para se ter uma ideia, aqui, neste barracão, onde eu trabalho para ganhar o meu sustento e onde vivo também, já foi apedrejado várias vezes, jogaram pedras no meu portão, chutaram ebós que despachei, passaram gritando de dentro do ônibus. Tudo o que podem fazer para me causar medo já fizeram. Tudo para me amedrontar e tentar acabar com as funções no terreiro. (Lucas).

Ninguém, ao nascer, discrimina! A discriminação é aprendida no cotidiano da vida, nos processos de interação social (CHARON, 2004), na educação que o indivíduo recebe desde o ambiente familiar até às universidades. Do mesmo modo que uma criança pode aprender os valores da fé em conformidade com sua tradição religiosa, ela pode aprender a desrespeitar os valores relacionados à tradição religiosa daquele que lhe édiferente. O depoimento a seguir evidencia como tal questão perpassa o universo da família e da escola.

> A minha história dói muito porque aconteceu com minha filha, que tem 12 anos e precisou usas algumas contas, até para ir para a escola. Os coleguinhas dela quando viram as contas perguntaram o que era, e ela – como tem informações porque frequenta o terreiro comigo – disse que era do santo dela. Imagino como ela explicou, pela idade e entendimento. Algumas crianças – com certeza – contaram para os seus pais; e no dia seguinte foi um transtorno só, para a minha filha, que foi chamada de “filha do diabo”, que ela não era de Deus. Com certeza isso veio das bocas dos pais dessas crianças; e elas já estão crescendo com orientação violenta e perigosa. (Jussara).

O impacto da fala, a força da palavra, a opressão, a eminência da exclusãocontida no discurso da patroa diante da empregada que se iniciou na religião de matriz africana denota o quanto o elemento religioso interfere nas relações no mercado de trabalho. O que nos narra a senhora Rosa é realidade que fomenta marginalização e constitui-se em violência e intolerância religiosa.

> Trabalhei por alguns anos como balconista, sempre frequentei o meu terreiro e chegou o momento em que eu precisei tomar umas obrigações no barracão e precisei usar umas contas, contra egum, enfim, estar dentro dos preceitos. Passei por todo o processo e depois desse, quando tive que retornar ao trabalho. E quando eu cheguei, a minha patroa disse que se eu não tirasse as minhas contas que eu não iria trabalhar.(Rosa).

Joga fora! O grito do senhor com seu filho foi seguido de mais três ações ou atitudes reveladoras de uma concepção religiosa onde a prática de fé do outro significa uma afronta aos valores de sua religião. Ele simplesmente *arrancou das mãos do menino o pacote de doces*. Não foi suficiente o seu grito *joga fora.* O arrancar das mãos de uma criança um doce caracteriza uma violência exacerbada. O que se sucedeu ao gesto de arrancar das mãos o doce, é ainda mais violento. Joga ao chão, pisa em cima e professa o discurso religioso, que em seguida é legitimado e/ou fundamentado com a utilização ou malversação da bíblia.

> No dia de Cosme e Damião já é tradição eu dar os doces. Nesse ano quando distribuía os doces na rua a criançada se juntou rapidamente. De repente um senhor gritou com um menino de sete ou oito anos para jogar fora o pacotinho de doces que acabara de receber. O menino relutou e ele arrancou das mãos do menino o pacote de doces e jogou no chão. Pisou em cima e gritava repreende senhor. Não satisfeito pegou a sua bíblia e começou ali mesmo uma pregação em nome de Jesus. (Carlos).

As formas de afrontamento religioso (SILVA, 2009) organizado por determinadas confissões religiosas presentes em algumas igrejas dos segmentos evangélicos objetivam a desmoralização da prática de fé daqueles que professam a religião dos terreiros. Caracterizar os espaços religiosos dos outros como lugares de manifestação do demônio passou a ser corriqueiro na contemporaneidade.

> Há 4 anos atrás, elas se juntaram para desmoralizar e agredirem a gente. Numa festa de Ogum os fiéis dessas igrejas fizeram uma caminhada pelas ruas próximas e – depois ficamos sabendo que era para nos ofender – quando passaram na rua do nosso terreiro jogaram sal grosso e enxofre, e disseram que ali era a casa do demônio e de tantas outras coisas. Eles falaram tantas coisas ruins, negativas. (Ana).

De modo semelhante ao que fazem em relação aos barracões onde acontecem os cultos das religiões de matrizes africanas, nos espaços onde se realizam algumas atividades religiosas como a mata, a cachoeira, a encruzilhada também são feitas tentativas de interdições.

> Aqui perto nós temos uma parte da floresta aonde podemos colocar nossos presentes para os orixás, e nesse momento que eles vêm para cá tentar aterrorizar a gente. Isso é sempre. Eles distribuem panfletos com propaganda contra a gente e contra o que fazemos e até tentam interromper nossos rituais. Já houve época de tentar interromper de forma forçada o que a gente fazia usando até alto-falantes e tentaram destruir nossos presentes. (Amanda)

É interessante pensar o estreitamento presente na compreensão teológica a respeito da salvação oferecida por Deus à humanidade. Isso reporta ao tempo da escravidão(ROCHA, 2007)onde o catolicismo entendia que melhor seria para os negros serem batizados e escravizados do que ficarem pagãos e irem para o inferno. A igreja passava a ser então a salvação para os

negros.Essa concepção se modernizou no seu discurso e nas suas práticas. Combater o culto ao demônio – presente na prática religiosa do outro – passou a significar condição para a sua salvação. A salvação é só para àqueles que aceitam Jesus ao seu modo e à sua compreensão. Aos demais, o inferno.

> Por várias vezes fui discriminado pela minha religião, em todas às vezes me senti muito mal, o que não é de se estranhar, quando se é violentado na sua fé. E dói muito quando acontece na sua rua, no seu bairro, onde você vive e exerce sua fé. Fui agredido na minha rua por uma pessoa evangélica que discriminou uma filha de santo minha, quando ela estava de resguardo. E eu fiquei muito chateado e fui tomar "satisfação" com ele e aí ele me disse palavras grosseiras e disse que nós fazíamos culto ao demônio, que Jesus ia salvar somente a ele e que eu iria para o inferno. (Paulo Rel, 37).

Tão forte é a convicção de que são donos da verdade sobre Deus, que até nas ruas, em lugares públicos, onde todos têm o direito de frequentar, indivíduos evangélicos, sentem-se no *deverde alertar* os praticantes de religiões de matrizesafricanas, estigmatizadas, quando identificados, (GOFFMAN, 2008) que sua pertença religiosa é coisa do diabo e que os mesmos necessitam se libertarem de tal prática religiosa. A seguir, apresentamos relatos que nos propiciam auma reflexão de tal violência praticada.

> Quando estávamos descendo a rua em direção ao calçadão de Caxias, um grupo de pessoas que estavam na sorveteria bem perto da esquina do colégio começarama gritar que ela estava com o diabo e que só Jesus poderia livrá-la daquilo etc.. Eles gritavam sem parar e alto.(Luiz).

Seguindo a mesma lógica do acontecimento na sorveteria da esquina, dessa vez a vítima está em um transporte coletivo.

> Entrei num ônibus em um bairro em Duque de Caxias e o trocador disse Jesus te ama – eu estava com minhas guias no pescoço e meu ojá na cabeça– então eu lhe disse – Oxalá nos ama a todos – ele ficou indignado e iniciou um discurso religioso, uma verdadeira pregação em nome de Jesus para que eu um dia pudesse conhecer a Jesus e o aceitasse em meu coração, na minha vida. Fiquei surpresa com a atitude das outras pessoas no ônibus. Umas cinco pessoas se juntaram a ele para orar pela minha vida. Ao tentar argumentar que o ônibus não era um templo da igreja deles. O trocador, mostrando uma bíblia dizia que o nome de Jesus devia ser pregado a todos os povos, em todas as nações, em todos os lugares, em todos os tempos. Diante do clima de animosidade que se formou, desci do ônibus antes do meu ponto de destino. Ao sair, ouvia as pessoas dizerem quase que gritando – repreende senhor. (Rafaela).

O discurso religioso conforme se pode perceber, deixou de ser instrumento de comunicação da boa notícia propagada como fundamento do cristianismo, para tornar-se discurso de opressão, discriminação e marginalização. A afirmação da fé identificada com uma determinada

tradição religiosa, não necessariamente precisa navegar pelo campo da intolerância, do desrespeito e execração do diferente. O mundo tem presenciado inúmeros acontecimentos atestando o quanto as afirmações religiosas têm fundamentado conflitos e guerras entre os povos.O entendimento e a paz no mundo estão diretamente relacionados ao entendimento entre as religiões. (KUNG, 1993). O papel das religiões na construção da paz exige como condição, trilhar os caminhos da não violência. A palavra não foi feita para dividir as pessoas, os povos. Ao contrário, seu objetivo é propiciar diálogo. No diálogo, se reconhecem as diferenças. Nas diferenças, se reconhecem os direitos e nesses, a dignidade humana.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As práticas de dominação, geradoras de violência e exclusão incorporaram em seus discursos uma terminologia caracterizada em determinadas afirmações como *só Jesus salva, repreende senhor, ta amarrado, coisa do demônio.* Tais afirmações constituíram-se em *cavalos de batalhas* da intolerância religiosa e da suplantação da dignidade do religiosamente diferente. *Só Jesus salva*, na lógica de pregação fundamentalista e proselitista, acaba significando uma contradição com a própria proposta do evangelho e a vida de Jesus. A realização da proposta salvífica de Deus se processa por meio das culturas vivenciadas pelos povos. Diferentes povos, diferentes culturas, diferentes valores, diferentes tradições, diferentes contextos – diferentes modos de vivenciar a salvação oferecida por Deus à humanidade. Deus é magnânimo e benigno e sua magnanimidade e benignidade estão ao alcance de todos os povos, de todas as culturas, em todos os lugares e em todos ostempos.

REFERÊNCIAS

BRAZ, Antonio Augusto; ALMEIDA, Tânia Maria Amaro. *De Meriti a Duque de Caxias*: encontro com ahistória da cidade. DuqueCaxias: APPH-Clio, 2010.

CHARON, Joel M. *Sociologia.* Trad.: Laura Teixeira Motta; Rev.: Paulo Sergio Nakazone. São Paulo: Saraiva, 2004.

FRISOTTI, Heitor. Comunidade Negra – Evangelização e Ecumenismo. *Caderno de Pesquisa1*. Salvador, 1992.

GOFFMAN, Erving. *Estigma, notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

KUNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial*: Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. São Paulo: Paulinas, 1993.

PRANDI, Reginaldo. *Linhagem e Legitimidade no candomblé paulista*. Disponível em:<www.anpocs.org.br>.

ROCHA, José Geraldo da.*Teologia e Negritude*: um estudo sobre os Agentes de Pastoral Negros. Santa Maria: Pallotti, 1998.

_____. (Org.).*Diversidade e Ações Afirmativas*. Rio de Janeiro: CEAP, 2007.

SANTOS, Ivanir dos; FILHO, Astrogildo Esteves. (Orgs.).*Intolerância Religiosa X Democracia*. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

SENNETT, Richard. *Respeito:* a formação do caráter em um mundo desigual. Trad.:Ryta Vinagre. Rio de Janeiro: Record, 2004.

SILVA, Vagner Gonçalves da. (Org.).*Intolerância Religiosa* – impactos do neopentecostalismo no campo afro-brasileiro. São Paulo: Edusp, 2009.

Artigo recebido em: março de 2012.

Aprovado em: maio de 2012.